

5 Conclusão

Ao longo desta dissertação buscamos compreender como a Direção Espiritual, uma prática tão antiga na vida da Igreja, e até pouco tempo reservada a círculos eclesiais restritos – padres e monges –, pode responder aos anseios do ser humano contemporâneo, ou mesmo representar uma necessidade antropológica.

As conclusões a que chegamos são decorrentes de um processo que se iniciou com o esforço de compreender em que sentido a Direção Espiritual se insere na realidade do ser humano dos nossos dias. Embora se trate de uma prática milenar, ela se desenvolveu a partir das necessidades e circunstâncias históricas, chegando até nossos dias em modalidades diferentes na prática, mas unidas na identidade e na finalidade, com o mesmo objetivo de levar o ser humano a escutar a voz de Deus. Este ser humano – como tanto se insistiu – fragmentado, oscilando entre o fechamento em si mesmo e a abertura cega e dependente, necessita do(a) outro(a), do(a) próximo(a), com o(a) qual possa existencialmente interagir e encontrar-se como pessoa no mundo. Nesse sentido, entende-se a articulação estabelecida pelo Novo Mandamento: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.

O segundo passo, dentro da Antropologia Teológica, alicerçou esta pesquisa no conceito de pessoa, perpassando os dados bíblicos e aspectos mais recentes, presentes no ensinamento do Concílio Vaticano II e no magistério do Papa Francisco. Chamou a atenção para o risco constante do dualismo antropológico e tangenciou outras ciências, como o Personalismo de E. Mounier e a Abordagem Centrada na Pessoa de C. Rogers.

Do confronto entre ambos, emerge uma identidade contemporânea para a Direção Espiritual. Em primeiro lugar, sem receio de nos tornarmos repetitivos, insistimos que a Direção Espiritual seja uma necessidade antropológica decorrente da condição humana. Nesse sentido, Direção Espiritual é o encontro entre duas pessoas, ainda que em níveis diferentes, diretor(a) e dirigido(a). Este encontro se concretiza, como indicado no início do capítulo 4, em várias formas: Pastoral Vocacional, Pastoral dos Noivos, Catecumenato, e assim por diante. Em todo esse processo, emerge a importância, e mesmo a urgência, da arte de escutar, com todas as características indicadas no mesmo capítulo. Daí emergem as compreensões

atuais da Direção Espiritual, suas características e os requisitos para ser um(a) diretor(a) espiritual.

À pergunta sobre a necessidade da Direção Espiritual para todos, T. Merton observa, em sua obra *Direção Espiritual e meditação*:

Falando rigorosamente, a Direção Espiritual não é necessária para o cristão ordinário. [...] É algo que se tornou necessário quando os cristãos se retiraram do convívio da comunidade cristã para viverem como solitários nos desertos.²⁴⁹

Ora, podemos descrever o contexto atual em analogia à descrição feita por T. Merton. Embora muito diferente do tempo ao qual o autor se refere, existe hoje uma tendência sociocultural a se retirar do convívio comunitário, visto predominantemente sob a ótica institucional, para se viver isoladamente em desertos pessoais, políticos, étnicos, religiosos ou ideológicos. Vivemos e sentimos, mesmo em setores da Igreja, uma forte exaltação à individualidade, que beira o individualismo. Em parte, nem mesmo a concepção de Igreja como Povo de Deus²⁵⁰ parece atrair a atenção de muitas pessoas de nosso tempo para a importância e a necessidade da vida comunitária.

Este cenário configura o ambiente propício para a Direção Espiritual, porque, como vimos, ela é uma ação pastoral que acolhe o indivíduo em sua condição atual, sem fazer nenhuma exigência prévia. Assim, ela se configura como uma resposta plausível ao anseio crescente pela busca de uma resposta espiritual para os acontecimentos, as ideias e a prática da vida cotidiana, especialmente por meio das diversas modalidades nas quais se tem desdobrado em nossos tempos.

Assim como, no Evangelho, lemos que Jesus sentiu compaixão quando viu as multidões como ovelhas que não têm pastor (cf. Mt 9,36), os seres humanos filhos dos tempos líquidos estão como que órfãos de pai e mãe, pois não têm nenhuma segurança a que se apegar. Restam duas saídas: ou confiar em si mesmo – mas também esta alternativa tem seus limites, pois em determinado momento não será capaz de conter a ansiedade e precisará tomar atitudes perante a vida – ou buscar uma resposta para além de si. É neste momento que as pessoas chegam à Igreja, muitas vezes cansadas, feridas, magoadas, desconfiadas das próprias forças, angustiadas e sem esperança.

²⁴⁹ MERTON, T. *Direção Espiritual e meditação*, p. 25; 15.

²⁵⁰ LG 9-17.

Não é simples empreender a jornada que pode efetivamente ajudar uma pessoa nesse estado, porque exigirá, de sua parte, disposição interior e docilidade ao que o(a) pai/mãe espiritual lhe indicar, não como diretriz, mas como proposta de um caminho até o íntimo de si mesma. Contudo, se conseguir perceber que existe algo muito maior do que esperava por trás do encontro aparentemente simples e até frustrante a princípio – se a pessoa esperava respostas prontas que solucionariam seus problemas imediatamente –, perceberá em si mesma os efeitos da Direção Espiritual: aos poucos deixará de ser indivíduo fechado em si mesmo, reconhecerá sua dignidade de pessoa, aprenderá a se relacionar com Deus, enxergará no outro seu semelhante e, a partir do restabelecimento desta relação, encontrará a felicidade tão almejada vivendo em comunhão. Por isso, como constatamos em nossa pesquisa, a Direção Espiritual é uma necessidade antropológica.

O ser humano da atualidade se esqueceu de que é fundamentalmente pessoa, com sua *inseidade*²⁵¹, mas também com sua necessária relação e abertura aos outros. E cabe à Igreja, por meio dos diretores espirituais, acompanhar cada indivíduo no processo de redescobrir sua identidade e sua vocação primeira, que é amar a Deus e amar o próximo, amando-se a si mesmo.

Esse processo é desafiador, pois a época que vivemos é marcada por uma crise de paternidade, tanto pela ausência da figura paterna enquanto responsável pela formação da identidade pessoal, como pela recusa de qualquer figura que inspire autoridade e exija obediência, em contraposição à ditadura do “seja você mesmo”. É preciso grande cuidado ao tratar com as pessoas nesse ponto, para fazê-las entender que

a atitude da Igreja não é um paternalismo abusivo, que se arroga o título de estar mais bem formada para impor sua própria interpretação em um círculo de leitores iguais, mas se trata de guardar com fidelidade uma mensagem que lhe foi confiada com a tarefa de transmiti-la com lealdade e humildade.²⁵²

Se, por outro lado, seu anseio por respostas começa a ser saciado na medida em que se sente acolhida na sua história, a pessoa começa a trilhar seu próprio caminho, sob a inspiração de Deus e com a ajuda de seu(sua) pai/mãe espiritual que, nesse sentido, estará cumprindo sua missão tal qual foi idealizada por Deus: estimular o desenvolvimento da autonomia perante a própria vida, mediante o influxo da graça.

²⁵¹ RUBIO, A. G. Unidade na pluralidade, p. 248.

²⁵² MENDIZÁBAL, L. Dirección Espiritual, p. 7.

Para realizar tal intento, reconhecemos o importante papel que tem a figura do(a) diretor(a) espiritual, e reconhecemos a necessidade de se pensar um método para despertar aqueles que receberam este carisma, com o fim de formá-los, por estudos, mas acima de tudo pelo desenvolvimento de suas potencialidades, na sublime vocação de ajudar os irmãos a se descobrirem como verdadeiramente são – pessoas, criadas à imagem e semelhança de Deus, para viverem em comunhão – a partir do projeto do próprio Deus para o seu bem e para o bem do mundo.

Esta figura, do(a) diretor(a), no entanto, tem papel secundário no processo da descoberta da vontade de Deus, porque cremos que o Senhor mesmo tem seus caminhos para falar ao coração de seus filhos. Ainda assim, como aprouve ao Senhor que ninguém ficasse só (cf. Gn 2,18), por meio do encontro entre duas pessoas, como pudemos analisar, vencemos as duas grandes tentações dos tempos nos quais vivemos, a de se realizar sozinho (neopelagianismo) ou de se realizar de forma desencarnada, fugindo à realidade (neognosticismo). Contra essas duas tendências, o Verbo se fez carne (cf. Jo 1,14) e manifestou o quanto Deus nos ama, morrendo por nós quando ainda éramos pecadores (cf. Rm 5,9), para que ninguém suponha que é capaz de salvar-se ou realizar-se pelas próprias forças, sem a ajuda dos outros.

Concluindo, esta reflexão quer contribuir para a construção de uma nova base teórica da Direção Espiritual a partir especificamente da Antropologia Teológica, para que seja possível desenvolver o perfil antropológico da figura do(a) pai/mãe espiritual no processo de desenvolvimento das potencialidades dos indivíduos que a ele(a) se achegam, ajudando-os a se reconhecerem pessoas, e a converterem a coletividade na qual vivem em espaço criativo de comunhão, que é o desejo de Deus para toda a humanidade, mesmo em tempos difíceis e desafiadores. É preciso que estejamos abertos e dóceis para ouvir o sussurrar do Espírito Santo ao abrir nossos olhos para a urgência da transformação de nossas estruturas com vistas a acolher o humano em suas necessidades e anseios mais profundos, como faz o próprio Deus (cf. Ex 3,7-8).